

“PAI CONTRA MÃE”: A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA NO CONTO DE MACHADO DE ASSIS¹

Maiara Cristina Segato, (UNESPAR/FECILCAM), maiarasegatoletras@gmail.com
Wilma dos Santos Coqueiro (OR), (UNESPAR/FECILCAM), wilmacoqueiro@ibest.com.br

RESUMO: O conto “Pai contra Mãe”, de Machado de Assis, publicado em 1906, no livro *Relíquias da Casa Velha*, ambienta-se no Rio de Janeiro do século XIX antes da abolição da escravidão. Os aspectos sócio-econômicos das personagens beiram a miséria, com dificuldades, dependência e escassez. Dessa forma, nossa análise do conto partirá de um Machado que se reveste de um estilo próprio, utilizando um tom irônico, e compõe um narrador representante da classe dominante, a fim de denunciar a sociedade escravocrata e opressora do século XIX. O autor, de forma contundente, destaca um panorama econômico-social fundamentado em miséria, exclusão e sofrimento vividos não só pelos escravos, mas também por brancos livres e pobres, que lutavam pela sobrevivência, em uma luta da qual o mais forte sobreviveria ao mais fraco. A análise do conto respalda-se em teorias e discussões sobre Machado de Assis e suas obras, principalmente, de autores como: Antonio Candido (1970), Alfredo Bosi (1982) e Roberto Schwarz (1988, 2000 e 2004).

PALAVRAS-CHAVE: *Machado de Assis; Escravidão; Luta pela sobrevivência.*

INTRODUÇÃO

O conto “Pai contra mãe” é escrito por Machado de Assis após a abolição da escravidão, com características marcadamente realistas, e publicado em uma antologia de contos intitulada *Relíquias da Casa Velha*, em 1906, apenas dois anos antes de seu falecimento. Representando a fase madura do autor, ou seja, aquela na qual ele representa a sociedade opressora e desigual de sua época, o conto é um dos raros textos de Machado no qual ele se refere à temática da escravidão e dos seus efeitos de forma explícita.

Machado de Assis (1839-1908), nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, negro e vindo de uma família pobre e escrava, filho de Francisco José de Assis, um mulato pintor de paredes, e Maria Leopoldina da Câmara Machado, uma lavadeira açoriana. Sem muitas oportunidades de estudo, e renunciando ao subúrbio carioca, interessou-se pela elite, pela corte e por status. Por isso, lutou por uma escalada social, obtendo laços de amizade com intelectuais e pessoas importantes como, entre outros, Manuel Antônio de Almeida, Quintino Bocaiúva, José de Alencar e Joaquim Manuel de Macedo.

¹ Artigo vinculado ao projeto de TIDE: “Confluências históricas e culturais entre o Brasil e a África: a formação da identidade brasileira”.

Segundo Alfredo Bosi (1982, p. 440), no artigo “A máscara e a fenda”, Machado “passou de uma classe para outra cortando os laços que o amarravam à infância pobre”. De fato, isso se deu porque após a morte de sua mãe, seu pai casou-se com uma mulata, Maria Inês. E os três se mudaram para São Cristóvão. Consta que lá Machado teria vivido uma vida muito sofrida e dura, tendo até que ajudar a madrastra a vender doces e balas em um colégio para meninas. Machado já havia traçado o seu destino, resolvendo dar um basta na vida miserável na qual vivia com a família. Então, passa a morar com alguns amigos e aos poucos se afasta do pai e da madrastra, e em contrapartida, aproxima-se do livreiro e editor Paulo Britto, provavelmente quem teria o ajudado no início da sua carreira como escritor.

A esta altura, Já sendo uma personalidade conhecida entre as rodas intelectuais da época, foi nomeado e condecorado a altos cargos públicos, tornando-se o primeiro presidente da recém-criada Academia Brasileira de Letras, em 1897. Por fim, constituiu matrimônio com Carolina Augusta Xavier de Novais, uma senhora portuguesa muito culta. Antônio Cândido, em “Esquema de Machado de Assis” (1995, p. 15), deixam- nos claras as condições do escritor, quando revela:

[...] os críticos que estudaram Machado de Assis nunca deixaram de inventariar e realçar as causas eventuais de tormento, social e individual: cor escura, origem humilde, carreira difícil, humilhações, doença nervosa. [...] Mas, a cor parece nunca ter sido motivo de desprestígio, e talvez só tenha servido de contratempo num momento brevemente superado, quando casou com uma senhora portuguesa.

Machado de Assis, escritor do século XIX que antecipa temáticas fundamentais do século XX, abasteceu-se de uma incrível superioridade intelectual, possuindo características que o distinguia de vários outros escritores da época, principalmente por apresentar a extraordinária habilidade em delinear o perfil psicológico humano, enfatizando os tormentos do homem e a iniquidade do mundo, transmitindo-os aos personagens nas narrativas, transformando-os em verdadeiras representações ideológicas, explorando em nosso contexto temas essenciais e revelando os traços mais desprezíveis do ser humano e das mazelas da sociedade através de seus escritos. Antônio Cândido (1995, p. 18) é quem nos relata o trajeto da história do menino pobre que atingiu como recompensa, o topo e a glória da expressão literária:

Sob o rapaz alegre e mais tarde o burguês comedido que procurava ajustar-se às manifestações exteriores, que passou convencionalmente pela vida, respeitando para ser respeitado, funcionava um escritor poderoso e atormentado, que recobria os seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade. Na razão inversa da sua prosa elegante e discreta, do seu tom humorístico e ao mesmo tempo acadêmico, avultam para o leitor as mais desmedidas surpresas. A sua

atualidade vem do encanto quase intemporal do seu estilo e desse universo oculto que sugere os abismos prezados pela literatura do século XX.

Neste conto, “Pai contra mãe”, assim como em suas outras obras, Machado de Assis através de seu irônico narrador, leva o leitor crítico e atento ao significado profundo do texto que está em seus pormenores e em suas sutilezas, pois os contos do autor, de acordo com Nádia Gotlib (2006, p. 77), em *Teoria do conto*, “traduzem perspicazes compreensões da natureza humana, desde as mais sádicas às mais benévolas, porém nunca ingênuas”. Portanto, Machado, num ritmo moderno e esquemático, propondo um enigma, como se estivesse rindo do leitor, intriga-o, atrai-o e envolve-o, conforme salienta Antônio Cândido (1995, p. 22), “em seu modo próprio de deixar as coisas meio no ar, inclusive criando certas perplexidades não resolvidas”, sobressaindo a “despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica” (CÂNDIDO, 1995, p. 22). Técnica essa, que consistia em expor os assuntos mais extremos sem moderação, mas de uma forma sutil, permitindo uma dupla leitura, ou estabelecendo um mundo paradoxal, contrastando o que é normal do que é anormal. Sugerindo, assim, a normalidade no que é extravagante e a anormalidade nos atos simples do cotidiano.

No entanto, se analisarmos o contexto histórico-social e a época em que Machado produziu a obra em questão, notaremos que ele faz uma crítica mordaz à sociedade, rígida, violenta e opressora, expondo suas questões históricas não resolvidas, mas de certa forma sem confrontá-la, sendo ele ainda “enigmático e bifronte, olhando para o passado e para o futuro, escondendo um mundo estranho e original sob a neutralidade aparente das suas histórias que todos podiam ler” (CÂNDIDO, 1995, p. 17), através de um estilo ímpar e imparcial, uma marca pessoal do autor, “ele timbrava nos subentendidos, nas alusões, nos eufemismos, escrevendo contos e romances que não chocavam as exigências da moral familiar” (CÂNDIDO, 1995, p. 19). Ainda no estudo sobre o estilo, em seu modo de escritura singular, e as temáticas de Machado de Assis, Antônio Cândido (1995, p. 18) explica que: “Talvez o que primeiro tenha chamado a atenção foram a sua ironia e o seu estilo, concebido como boa linguagem [...] uma ironia fina estilo refinado, evocando as noções de ponta aguda e penetrante, de delicadeza e força juntamente”.

Percebemos que no conto “Pai contra Mãe”, há uma significativa diferença entre o momento da enunciação – quando se conta a estória – e do enunciado – o que é contado, uma vez que no momento da escritura já havia findado a escravidão. Contudo, a estória se passa no contexto social da escravidão. Com efeito, logo no início do conto, o narrador situa o leitor, enfatizando: “a abolição levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício” (ASSIS, 1999, p. 102). Ofício esse, como a captura de

escravos fugidos, principal atividade que garantia o sustento dos caçadores de escravos da época, não era um ofício nobre, mas como salienta o irônico narrador “mantinha a lei”.

Nas próximas linhas do conto, o narrador, causando um mal-estar no leitor, descreve com bastante peculiaridade os aparelhos utilizados que eram ligados a esse ofício e as características da escravidão, reforçando seu lado grotesco e bárbaro:

Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. (ASSIS, 1999, p. 102)

Estes aparelhos serviam como instrumentos de tortura e repressão utilizados para castigar os escravos e colocar-lhes no seu lugar na baixa escala social, ou seja, no lugar de coisa, deixando de ser um ser humano. Para prender o negro à sua condição de escravizado, impondo-lhes a ordem à base da violência, era utilizado o ferro ao pé. Esse sistema escravocrata também era sustentado por grotescas máscaras, que faziam os escravos abster-se do álcool e, por conseguinte, do hábito de furtar. Durante a narrativa, o narrador constantemente ironiza tais fatos bárbaros quando vê uma tentativa de impor a ordem social aos dominados, como se fosse suficiente apenas colocar-lhes uma máscara de folha de flandres para impedir seus excessos. Assim como o ferro ao pé e as máscaras, havia também o ferro ao pescoço, que pelos sinais deste, os escravos eram facilmente identificados quando fugiam:

O ferro ao pescoço, era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado. (ASSIS, 1999, p. 102)

O “ferro ao pé”, a “máscara de folha de flandres” e o “ferro ao pescoço” são alguns dos aparelhos ligados à escravidão, do qual Machado não quis simplesmente fazer a descrição de tais objetos para manter o leitor informado acerca de tal época. O autor nas entrelinhas permite-nos fazer uma análise de que o fim da escravidão levou estes aparelhos à extinção, mas não levou o trauma vivido por gerações após a escravidão, as cicatrizes desse fato histórico como o preconceito ao negro decorrente da sua condição de escravo mesmo depois da abolição da escravatura.

A abolição da escravatura apenas encerrou o uso de alguns ofícios e aparelhos, mas deixou-nos heranças e relíquias, pois não conseguiu acabar com a miséria e as desigualdades sociais e econômicas que perduram até nos dias de hoje. Desse modo, vale exemplificar citando aqui, a livre

adaptação de “Pai contra mãe” para o cinema, no filme de Sérgio Bianchi², *Quanto vale ou é por quilo?* (2005). Bianchi faz uma leitura do conto machadiano e insere alguns recortes do conto no roteiro do filme. Isso se dá através de um processo dialógico, teoria postulada pelo teórico russo Mikhail Bakhtin, que diz que todo enunciado ou tudo aquilo que se fala é proveniente de outros enunciados anteriormente já produzidos. Assim sendo, é Brait (2003, p. 14), que à luz de Bakhtin explica o fenômeno do dialogismo quando diz: “Tudo o que é dito, tudo o que é expresso por um falante, não pertence só a ele. Em todo o discurso são percebidas vozes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis”.

Desse modo, *Quanto Vale ou é por quilo?* baseado em “Pai contra mãe”, faz uma analogia entre a sociedade escravocrata do século XIX, e ao mesmo tempo expõe os resquícios duradouros da escravidão perpetuados por um continuísmo histórico lamentável, ou seja, pela miséria econômica e pelas persistentes desigualdades sociais, na qual são exploradas por Organizações não governamentais (ONGs), “as senhoras burguesas”, que apresentam como foco empresarial a miséria como negócio, utilizando a indústria da filantropia e muitas vezes se fazendo solidárias aos mais humildes, os supostos beneficiados, a fim de obterem grandes lucros e prestígio.

Bianchi, no filme, adapta a figura dos personagens, Cândido Neves, Clara, tia Mônica e a escrava Arminda para o passado, à época da escravidão, e para o presente, confrontando as imagens do comércio de escravos em que os negros eram tidos como mercadorias, ressaltando a condição de horror em que eles viviam com as imagens da atualidade vividas por indivíduos que vivem em situação semelhante a dos escravos, por serem excluídos da sociedade, por serem explorados pela lógica do lucro, estando ainda na condição de dominados, não sendo mercadorias, mas sim propriedades de outras pessoas nesse sistema permanente de escravidão do qual se insere o Brasil. Contudo, a escravidão hoje é outra: só é livre quem possui dinheiro e o usa em seu favor.

Retornando ao conto, “Pai contra mãe” tem como cenário o Rio de Janeiro escravocrata do século XIX, e Machado, para provocar uma verossimilhança aos fatos diante do leitor, utiliza nomes reais de ruas e lugares que provavelmente existem até hoje. Seus protagonistas são personagens brancos representados pelos nomes ironicamente intencionais: “Cândido Neves e Clara”, que não correspondem ao caráter e personalidade de tais. Cândido, que por nome remetido a candura, inocência e pureza, revela-se no conto um sujeito cruel, desumano e egoísta, que não se estabiliza e não suportava nenhum emprego ou ofício, pois “a obrigação de atender e servir a todos feria-o na corda do orgulho” (ASSIS, 1999, p. 103). Então, ele cede à pobreza e torna-se um caçador de escravos

² Cineasta paranaense que frequentemente utiliza seus filmes como fragmento representativo dos descabros e absurdos da sociedade brasileira.

fugidos, mediante boa gratificação, pois, para ele, pegar escravos reafirmava sua condição de branco, de livre e forte. Clara, que por nome deveria ser iluminada, com um brilho superior de destaque em suas ações, revela-se uma mulher apagada, sem voz e submissa, não se impondo nem no momento de decidir o futuro do filho. Clara era uma costureira, órfã, que morava com a tia Mônica, outra personagem do conto. Tia Mônica, calejada de tanto sofrer na vida com miséria e decepções, torna-se uma mulher fria, autoritária, com o poder de tomar decisões até mesmo sobre a vida do casal Cândido e Clara.

Cândido e Clara, em um baile se conhecem e “o casamento fez-se onze meses depois” (ASSIS, 1999, p. 104). Sem condições de ter um lar próprio, o casal vai morar na casa pobre de tia Mônica. Os aspectos sócio-econômicos dos personagens, mesmo sendo brancos e livres é de grande penúria com uma descomunal escassez de víveres. Como podemos ver neste trecho do conto:

Um dia os lucros entraram a escassear [...] as dívidas de Cândido Neves começaram de subir, sem aqueles pagamentos prontos ou quase prontos dos primeiros tempos. A vida fez-se difícil e dura. Comia-se fiado e mal; comia-se tarde. O senhorio mandava pelos aluguéis. Clara não tinha sequer tempo de remendar a roupa ao marido, tanta era a necessidade de coser para fora. Tia Mônica ajudava a sobrinha, naturalmente. Quando ele chegava à tarde, via-se-lhe pela cara que não trazia vintém. Jantava e saía outra vez, à cata de algum fugido. (ASSIS, 1999, p. 106)

Diante da sociedade escravocrata daquela época, Machado de Assis com este conto, “Pai contra mãe”, denuncia que as condições do negro escravo e as condições do branco livre e pobre não eram muito diferentes. A única diferença é na forma como atuavam na sociedade. Assim como o negro escravo, o alforriado e o branco livre e pobre não possuíam uma perspectiva de melhoras ou ascensão na sua condição social. Era praticamente impossível uma oportunidade de mudança em um país cuja característica principal era a bipolaridade social e econômica, ou seja, permaneciam e prevaleciam as desigualdades sociais. Portanto, de acordo com Raymundo Faoro (1976, p. 326):

O enquadramento social do trabalhador livre no contexto da miséria permitiu a Machado de Assis medir o escravo sob ângulo original. Somente ele insistiu na calamidade que a alforria poderia significar para o cativo. O escravo seria livre, mas ficaria sem trabalho e sem pão, entregue à mendicância. O senhor, só ele, lucraria com o ato de generosidade ao se desfazer de uma boca inútil, envelhecida ou estropiada pelo trabalho. A liberdade não passava, nas circunstâncias, de retórica cruel ou de mentira.

Dessa forma, percebe-se a amplitude da crítica e da denúncia da obra machadiana e o que a faz permanecer tão atual na época contemporânea. É justamente isso que também enfatiza o crítico literário Roberto Schwarz. Em seus estudos sobre Machado de Assis, percebe essa dificuldade de sobrevivência encontrada pelo homem branco e livre. Segundo ele, esse é um requisito para se

entender as temáticas das obras machadianas. Ele ainda explica que, a maioria da mão-de-obra, no mercado de trabalho, era exercida por escravos, o que dificultava aos homens livres a procura por empregos estáveis e que garantissem uma boa remuneração para o sustento de suas famílias. Conservava assim, a escravidão, num círculo que mantinha escravos e homens livres e pobres a uma condição servil de opressão e horror, marcados por uma realidade social que reforçava a desigualdade, a hierarquia, a submissão e a crueldade do capitalismo, onde, o bem-estar de uns parece fundar-se na desgraça de outros. A esse respeito, Alfredo Bosi (1982, p. 456) afirma que “o pobre, se é livre, faz retornar aos ferros o escravo que, fugindo para a liberdade, concorreria com ele no páreo dos interesses. O antagonismo não se fixa apenas nos extremos; há uma guerra de todos contra todos, que percorre os elos de ponta a ponta: aqui vemos comunicar – se do penúltimo ao último”. Roberto Schwarz (2004, p. 22) reforça ainda, em “A viravolta machadiana”, uma situação no cotidiano do sistema escravocrata, quando nos informa:

Burguês e escravocrata ao mesmo tempo, o Brasil dava forma mercantil aos bens materiais, mas não desenvolvia o trabalho assalariado, donde uma problemática especial, *de classe*, à qual aludem esses romances. Assentado na agricultura escravista, cuja influência se estendia à vida urbana, o país fazia que os homens livres e pobres — nem proprietários nem proletários — vivessem um tipo particular de privação ou de semi-exclusão.

Podemos perceber que o cotidiano do Rio de Janeiro do século XIX é um cotidiano de extrema aberração nas relações sociais, nos vínculos entre brancos e escravos e no mercado de trabalho. A personagem de Cândido no conto “Pai contra mãe” é o exemplo de homem branco que sobrevivia à essa dura realidade: um ínfimo trabalhador miserável, como um caçador vai à busca da caça, com uma profissão desumana e desqualificada, mas, tentando com unhas e dentes salvaguardar sua família.

Mesmo com as dificuldades e com as interpelações de tia Mônica, surge o desejo do casal de ter um filho, e então Clara fica grávida. Mas começa a ficar escassa a captura de escravos e a vida torna-se ainda mais difícil. Tia Mônica, então, adverte Clara da vida medíocre que a criança teria e aconselha o casal a levar o bebê, assim que ele nascesse, à Roda dos Enjeitados, uma espécie de orfanato que, inicialmente, eram cilindros giratórios localizados nas portarias dos conventos e mosteiros para a colocação de objetos, mas depois se começou a depositar crianças, principalmente aquelas que eram frutos de relações proibidas ou inconvenientes. E ali, as crianças permaneciam até a idade de aprendizagem.

Depois de despejados e indo morar em quartos emprestados por uma senhora rica, a criança nasce, e tia Mônica convence o pai, Cândido Neves, após muito hesitar, a entregar o filho à Roda, conforme mostra o próprio conto:

Tia Mônica insistiu em dar a criança à Roda. "Se você não a quer levar, deixe isso comigo; eu vou à Rua dos Barbonos." Cândido Neves pediu que não, que esperasse, que ele mesmo a levaria. Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo. Mal lhe deram algum leite; mas, como chovesse à noite, assentou o pai levá-lo à Roda na noite seguinte. (ASSIS, 1999, p. 109)

Cândido vai em direção à Roda dos Enjeitados, desesperado, com o filho nos braços e encontra uma negra fugida. Pois esta era sua chance e sorte: Cândido deixa o filho em uma farmácia e vai à busca da escrava fugida de nome Arminda, que lhe renderia cem mil contos de réis. Infelizmente, dinheiro esse que lhe ajudaria a não abrir mão do filho.

Arminda, a escrava fugida, suplica a misericórdia de Cândido para que ele a liberte, se não por ela, ao menos pela criança que ela estava esperando, ou ao menos que ele a tomasse por sua escrava, pois Arminda queria ter apenas a liberdade de escolher a quem servir: "Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser" (ASSIS, 1999, p. 110). Mas, Cândido não se sensibiliza com o drama da escrava e responde: "Você é que tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois?" (ASSIS, 1999, p. 110).

Cândido e Arminda, o pai e a mãe, unidos pelo desejo de salvarem os filhos e afastados pela realidade social na qual viviam, travam uma luta, uma luta de classes, uma luta pela sobrevivência. E Cândido, o homem branco, superior e forte, vence, levando a escrava arrastada como se fosse um animal até o seu dono. Machado demonstra aqui uma temática bastante recorrente em suas obras, como aponta Antônio Cândido (1995, p. 28), "a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual". Transformação essa, que leva o sujeito à luta pela sobrevivência na sociedade como se fosse um ser devorador para não ser devorado, podendo até ser comparada à lei da seleção natural de Darwin, pois na sociedade, assim como na natureza, a luta pela sobrevivência é voraz.

Machado de Assis, mostrando-se sempre indignado em relação à sociedade opressora, deixa implícita em "Pai contra mãe" a hipocrisia da mesma, censurando e trazendo à tona o egoísmo e a crueldade do ser humano na luta pela sobrevivência, não respeitando nem mesmo a dor e o sofrimento de um ser semelhante numa situação tão extrema em algo tão extremo que é a perda de um filho. Essa luta que envolvia tanto negros escravos quanto brancos livres, mas pobres, era travada e o mais forte sobreviveria ao mais fraco, legitimando o poder da classe dominante, que escravizava e prendia todos a um sistema individualista, impondo uma realidade de precariedade, onde, mesmo depois da abolição da escravatura, em que são extintos os instrumentos de tortura, são introduzidos novos mecanismos coercitivos como forma de controle social.

Cândido, sem nenhuma candura, entrega a escrava ao seu senhor e recebe o dinheiro prometido. Arminda termina por abortar a criança esperada, e Cândido recupera seu filho “com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona [...], naturalmente, fúria de amor” (ASSIS, 1999, p. 112) e vai com ele para casa, aliviado. Chegando a casa, conta o ocorrido e profere as palavras que marcam ainda mais seu egoísmo e desumanidade: “nem todas as crianças vingam...” (ASSIS, 1999, p. 112), ressaltando aqui o narrador, com mais cruzeza, os ofícios e os aparelhos que a escravidão levará.

“Pai contra mãe” apresenta foco narrativo em terceira pessoa, dividindo o conto em duas partes: os quatro primeiros parágrafos referem-se à enunciação e os demais ao enunciado ou história propriamente dita. O narrador, sempre o elemento fundamental da obra machadiana, representa a classe dominante, branca e escravocrata, resumindo os escravos em mercadorias, mostrando-se cruel e irônico, como demonstra a seguinte passagem: “Mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco e alguma vez o cruel” (ASSIS, 1999, p. 102). Embora digamos que, esse narrador “realizava em grau superlativo as aspirações de elegância e cultura da classe alta brasileira, mas para comprometê-la e dá-la em espetáculo” (SCHWARZ, 2004, p. 29).

Ao desenvolver a narrativa, Machado utiliza seu narrador, numa abstração maior, reproduzindo a voz dos escravocratas, sem deixar de expor o ponto de vista dos dominados e denunciando com esta mesma voz o que havia de mais cruel na escravidão, utilizando sempre uma ironia fina e sutil, se deliciando em ser incompreendido, cabendo ao leitor captar a intencionalidade das entrelinhas, pois em Machado, segundo Roberto Schwarz (1985, p. 23) em *Um mestre na periferia do capitalismo*:

O terreno é movediço, e cabe ao leitor orientar-se como pode, desamparado de referências consentidas, e tendo como únicos indícios as palavras do narrador, ditas em sua cara, com indisfarçada intenção de confundir. Uma espécie de vale – tudo, onde, na falta de enquadramento convencional, a voz narrativa se torna relevante em toda linha, forçando o leitor a um estado de sobreaviso total, ou de máxima atenção, próprio à grande literatura.

Em “Pai contra mãe”, o narrador machadiano propõe um enigma, através de uma aparente imparcialidade e neutralidade, quando compõe uma representação da sociedade e relata os fatos da escravidão, ridicularizando-a. Seu intento é para que o leitor se envolva com a trama e reflita sobre o tema abordado. Desse modo, aos poucos, o leitor vai sendo conduzido a uma capacidade de julgar as questões relacionadas ao período relatado e chegar à produção de sentido e às conclusões objetivadas pelo próprio narrador. O narrador machadiano, não explicitamente, tenta convencer o leitor, mas sim o conduz a se posicionar, a formar uma opinião e certa indignação diante daquilo que ele lê, captando nas entrelinhas do conto uma exposição do aparato político e ideológico dos diversos mecanismos de

coerção e das formas de dominação da sociedade escravocrata que, para a desilusão de Machado (e de todos nós), teve a sua continuidade no sistema republicano.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. "Pai contra mãe". In: **Contos escolhidos**. São Paulo: Klick Editora / O Estado de São Paulo, 1999.

BIANCHI, S. (direção). **Quanto vale ou é por quilo?** RIOFILME, Petrobrás e Agravo Produções, 2005, (107 min.)

BOSI, A. "A máscara e a fenda". In: **Machado de Assis: Antologia e estudos**. São Paulo: Ática, 1982, p. 437-457.

BRAIT, B. "As vozes Bakhtinianas e o diálogo Inconcluso". In: BARROS, Diana Luz e FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CÂNDIDO, A. "Esquema de Machado de Assis". In: _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 15-32.

ÉPOCA. **Entrevista com o diretor do filme Quanto vale ou é por quilo? Sérgio Bianchi**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT961935-1655-1,00.html>. Acesso em: 10 de fev. 2011.

FAORO, R. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1976.

GOTLIB, N. B. **Teoria do Conto**. 11 ed. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2006.

INFOPÉDIA [Em linha]. **Roda dos Enjeitados**. Porto: Porto Editora, 2003 - 2011. Disponível em: [http://www.infopedia.pt/\\$roda-dos-enjeitados](http://www.infopedia.pt/$roda-dos-enjeitados). Acesso em: 02 de fev. 2011.

MAURÍCIO, G. "A coisificação do homem no conto Pai contra mãe de Machado de Assis: miséria e escravidão se defrontam". In: **Recanto das Letras** (ONLINE). Publicado em 02/08/10. Disponível em: <http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/2414007>. Acesso em: 09 de fev 2011.

SCHWARZ, R. "A novidade das Memórias póstumas de Brás Cubas". In: SECCHIN, A. C.; ALMEIDA, J. M. G.; SOUZA, R. M. (Orgs.). **Machado de Assis: uma Revisão**. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1988, p. 47-64.

_____. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 34 ed. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. "A viravolta machadiana". In: **Novos Estudos, CEBRAP N.º 69**, São Paulo, Julho 2004, p. 15-34.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia Livre. **Machado de Assis**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Machado_de_Assis. Acesso em: 28 de jan. 2011.